

Jacó: Agente Pactual de Deus

Gerard Van Groningen

Jacó foi muito diferente do homem crente, obediente e servo que Abraão tinha sido, como também de seu pai Isaque que fora inclinado à passividade.¹¹ Jacó é citado, geralmente, como um “filhinho da mamãe” (Gn 27.1-13) que, enquanto influenciado por ela, expressou-se como um participante pronto a enganar seu pai. Mais tarde na sua vida, pelos meios específicos (na realidade desonestos e não efetivos), ele enganou seu sogro Labão. Jacó, com suas imperfeições óbvias, foi, no entanto, o agente pactual escolhido de Deus Yahweh. Yahweh, ao eleger Jacó, revelou nos seus procedimentos com ele seu poder transformador e a magnificência da graça divina.¹² A revelação destes no contexto dos propósitos do reino de Yahweh faz com que estes fatores divinos brilhem mais fortemente.

1. A Revelação da Soberania Divina

Deus Yahweh continuou a revelar e confirmar seu governo soberano sobre todo o cosmos bem como sobre indivíduos específicos em suas circunstâncias históricas. Existem pelo menos cinco fatores na vida de Jacó que devem ser considerados.

O relato da eleição divina de Jacó é dado em Gênesis 25.19-24; 27.1-40.¹³ Rebeca, estéril até que Isaque intercedeu junto a Yahweh a seu favor, engravidou. A gravidez tornou-se pouco confortável por causa da luta por espaço dos bebês no seu ventre (Gn 25.21-22). Quando ela perguntou a Yahweh “por que isto está acontecendo comigo” (NIV), foi-lhe revelado que duas nações estavam em seu ventre (Gn 25.23). Isaque gerou duas nações assim como Abraão por meio de Isaque e Ismael. Em ambas as situações, o mais novo foi aquele que Yahweh elegeu para servir como seu agente pactual e vice-gerente representativo. Foi revelado a Rebeca que seu filho mais novo, Jacó, nascido depois de Esaú (Gn 21.25-26), seria o mais forte e que o mais

¹¹ Derek Kidner corretamente observou que o nome “Jacó”, assim como outros nomes, expressava uma oração: “Que ele (Deus) possa proteger” (*Genesis* [London: Tyndale, 1967], 130); mais elaboradamente, o nome significa “Que ele possa estar nos calcanhares, isto é, que Deus seja sua retaguarda”. Kidner também mostrou que o nome “se presta a um sentido hostil, de perseguir os passos de alguém”. Jacó, na realidade, “desvalorizou o nome como sinônimo de deslealdade” (151-52).

¹² Vos, *Biblical Theology*, 93-99. Vos escreveu que “a graça que sobrepuja o pecado humano e transforma a natureza humana, é a idéia básica da revelação aqui”.

¹³ Ver os argumentos de Gerhard Ch. Aalders para não aceitar as fontes binárias J & E para o relato narrativo do nascimento de Jacó e a sua obtenção da bênção de primogenitura (ou de direito de nascimento) (*Genesis* [Kampen: Kok, 1949] 2: 182-84).

velho o serviria. Paulo, inspirado pelo Espírito, explicou que a frase “o mais velho servirá ao mais novo”, deve ser entendida como o modo de Yahweh informar a Rebeca e Isaque, e a todos os leitores do relato, que Deus Yahweh havia eleito Jacó e o havia feito de acordo com a sua própria soberania e para o propósito que tinha de realizar seu plano de pacto/reino (Rm 9.10-16).¹⁴

O primeiro propósito declarado da eleição de Jacó foi serviço. Jacó foi escolhido para servir a Yahweh. Não existiam qualidades inerentes em Jacó que o fizessem merecedor de sua eleição. Antes de nascer, ele foi escolhido para servir como agente e vice-gerente pactual de Yahweh. E ele foi eleito para ser servido por seu irmão mais velho, Esaú, e pela sua prole, não porque fosse “mais apto”, mas porque Yahweh, soberanamente, passou por cima do mais velho a fim de, ao fazer isso, revelar sua soberania, seu bel prazer e sua misericórdia.

Eleição para o serviço não implicava, necessariamente, em eleição para salvação.¹⁵ Nabucodonosor (Jr 27.16) e Ciro (Is 44.28; 45.1) foram eleitos para servir no reino de Yahweh, o primeiro para executar a maldição pactual sobre Israel, o segundo para realizar a bênção pactual prometida do retorno da sua herança. Não existem evidências de que estes “servos” foram eleitos para serem participantes na salvação que Yahweh preparou para os crentes. No curso da vida de Jacó, tornou-se evidente que ele não somente tinha conhecimento de sua salvação como também foi assegurado dela (Gn 48.15-16). Portanto, Jacó foi eleito ao privilégio da salvação assim como à responsabilidade do serviço.

Em segundo lugar, a soberania divina é revelada na orientação familiar de Jacó. Jacó tornou-se parte de uma família estendida. Três são os fatores humanos específicos registrados que levaram a isto: o engano do qual Isaque foi vítima, praticado por Jacó e Rebeca, pelo qual Jacó recebeu a bênção do primogênito.¹⁶ Antes da fraude, um outro episódio havia acontecido, no qual

¹⁴ Ver a discussão de Kline sobre “Sovereign Election” como revelada em Gênesis e explicada teologicamente por Paulo em Romanos 9-11 (“Kingdom Prologue”, 203-06). Para Von Rad, o conceito de eleição surgiu na religião israelita somente quando Israel se considerou a partir de um ponto de vista externo; quando Israel se viu em relação às outras nações, percebeu sua eleição. O conceito cresceu dentro das “tradições de eleição” desenvolvidas em Israel (*Old Testament Theology*, 1:7, 69, 164, 178, 352). Assim, Von Rad escreve sobre a eleição de Yahweh dos patriarcas, não primariamente como uma realidade histórica, mas como um item da fé de Israel que se desenvolveu através dos séculos de sua existência.

¹⁵ Para alguns escritores do Antigo Testamento, a eleição não era considerada em termos de “eleito para serviço” ou “para salvação”, mas eleito para estar em um relacionamento pactual e eleito para ser um povo mantenedor da lei. Ver John Bright, *A History of Israel*, 3^a ed. (Philadelphia: Fortress, 1981), 148-150; Walther Eichrodt, *Theology of the Old Testament* (Philadelphia: Westminster, 1961), 1:94, 244. É verdade que um relacionamento pactual se desenvolveu a partir da eleição de Yahweh, mas este relacionamento, na maioria dos casos, envolvia salvação e serviço bem como obediência amorosa à lei de amor de Deus.

¹⁶ É difícil ser simpático à discussão de Westermann sobre a forma e colocação da narrativa registrada em Gn 27.1-45. Deve-se concordar com Westermann que o relato de Gênesis 27 é determinante para o “ciclo Jacó-Esaú como um todo” (*Genesis 12-36*, 434-35). O modo como esta narrativa cresceu, segundo Westermann, de uma forma oral para escrita com questões sobre se é uma síntese J ou uma síntese de J e

Esau havia rejeitado esta bênção de primogenitura em favor de uma prato de comida (Gn 25.29-34). O terceiro fator foi o temor de Rebeca pela vida de Jacó, o que a levou a falar com Isaque sobre a ida de Jacó até Harã, à casa de Labão, para encontrar uma esposa. Estes três fatores exibem a intriga humana, a falta de sensibilidade ao comando pactual de Yahweh de “caminhar diante de mim e ser perfeito” (Gn 17.1) e uma mentira descarada.¹⁷ Nos relatos que se seguem, torna-se claro que Yahweh não justifica estas falhas e pecados humanos, mas os sobreleva. Jacó e Rebeca tiveram que sofrer a separação e nunca mais se veriam.¹⁸ Jacó penou duramente trabalhando para seu tio, sendo ele mesmo enganado (Gn 29.1-27) e não recebendo o pagamento total durante este período (Gn 30.27-30). Em todas estas atividades relacionadas à família, existem poucos traços e atividades humanas admiráveis. Todavia, Deus Yahweh, fiel às suas promessas pactuais a respeito da progenitura de Abraão, graciosa, misericordiosa e pacientemente, em bondade soberana dirige as atividades sociais de Jacó de modo a não serem frustrados os propósitos divinos. Antes, Yahweh continua a realizar seu plano.

Deveria ser óbvio que a antítese entre o reino parasita e o governo soberano de Yahweh é uma força dominante nas vidas do filho de Abraão, seus netos e parentes. A influência satânica estava presente nas tentativas de despedaçar e destruir a semente da mulher como representada nas vidas de Isaque e, especialmente, de Jacó. A família, tanto nuclear como estendida, foi, tem sido, e continuará a ser a área na qual a atividade satânica haveria de ser exercida.

A terceira revelação da soberania divina é refletida no fato de Jacó ter se tornado próspero. Deus Yahweh havia prometido fama a Abraão; uma forma em que alcançou isto foi pela grande riqueza (Gn 13.2). Isaque herdou a riqueza e prosperidade de seu pai (Gn 25.5). Jacó, tendo que fugir para salvar sua vida, teve que deixar para trás a riqueza da família. Mas, novamente, a despeito da intriga humana (Gn 30.37-43), Jacó tornou-se “mais e mais rico” (Gn 30.43) e reconheceu o fato de Deus Yahweh ter tirado de Labão para dar

E, dá razão a um sincero questionamento sobre todos os esforços crítico-literários na busca por fontes e no estabelecimento das mesmas.

¹⁷ John Skinner expressou sentimentos encontrados especialmente nos comentários de orientação crítica, referindo-se à fonte J desta narrativa, J sendo um símbolo coletivo que abrange muitas fábulas que descem ao nível da “moralidade popular ordinária”. Skinner mostrou isto como a explicação para o relato vivaz da fraude de Rebeca e Jacó, na qual existe “uma indiferença às considerações morais” (*A Critical and Exegetical Commentary on Genesis*, 2ª ed. [Edinburgh: T & T Clark, 1956], 368). E. A. Speiser quis rejeitar os vários “julgamentos com os quais a história tem sido obstruída através das eras”. Ele prosseguiu escrevendo que o primeiro plano “não tem sido sempre mantido em foco adequado”, resultando em distorções desnecessárias. Speiser também chamou atenção ao fato de que os profetas (Jr 9.3; Os 12.4) manifestaram censura quanto ao tratamento de Jacó a Esau (*Genesis*, 211).

¹⁸ Marcus Dodds desprezeu os resultados da interferência má de Rebeca e Jacó no plano de Deus para dar a Jacó o direito de primogenitura. Dodds escreve que Deus lhe teria dado o direito, resultando em crédito a Jacó e não em vergonha. Ele adiciona “e eles perderam bastante; a mãe, seu filho; Jacó, os confortos do lar. Foi um castigo severo” (“The Book of Genesis”, no *The Expositor's Bible*, ed. W. Robertson Nicoll, [Grand Rapids: Eerdmans, 1947]. 1:73).

a ele (Gn 31.9).¹⁹ Alguém poderá surpreender-se pelo fato de Jacó ter recorrido à intriga quando sabia que o Senhor do cosmos tirava de um para dar a outro. A verdade central a ser alcançada é que Deus Yahweh governa soberanamente e dirige os assuntos dos seus agentes factuais escolhidos, e ele pode fazer isto porque é o Senhor Soberano do cosmos.

Em quarto lugar, Deus Yahweh revelou seu governo soberano sobre o cosmos e particularmente sobre seus agentes factuais escolhidos por meio da proteção que lhes deu. Jacó reconheceu esta proteção: “Deus não permitiu que ele me fizesse mal algum” (Gn 31.7). Jacó foi assegurado desta proteção enquanto fugia, uma vez que na visão em Betel, Yahweh lhe havia dito, “Eu cuidarei de você por onde você for” (Gn 28.15). Por toda a vida de Jacó, nas circunstâncias variadas que experimentou, vivendo com Labão ou fugindo dele, encontrando Esaú e despedindo-se dele amigavelmente, durante a fome em Canaã (Gn 41.56), e em sua jornada e permanência de 17 anos no Egito, Deus Yahweh cuidou dele e o protegeu.

Finalmente, deve-se dar atenção à providência. O termo fala da provisão de Yahweh. Abraão havia dito a Isaque, quando este lhe perguntara sobre o cordeiro para a oferta queimada, “o próprio Deus proverá o cordeiro” (Gn 22.8). E ele providenciou um carneiro (Gn 22.13). Yahweh também providenciou o que Jacó necessitava: proteção no caminho para Harã, um lar, uma família e possessões. Nenhum desses foi merecido; no entanto, era esperado que Jacó respondesse a seu Deus em confiança e obediência. Ainda que essas respostas fossem falhas em grande parte, se é que existiram em certas horas, nas circunstâncias da viagem, na vida e partida de Harã, Yahweh graciosa e constantemente proveu para Jacó. Deus Yahweh conhecia o caráter de Jacó; conhecia suas situações e também suas necessidades. E estas foram supridas.

Por meio da vida de Jacó, Deus Yahweh revelou o modo como sua eleição, sem mérito por parte de Jacó, tornou-se o manancial de todos os aspectos de providência na vida. A providência é arraigada na eleição; ela é revelada em todas as circunstâncias da vida. Conseqüentemente, a providência torna-se um suporte sólido para a confiança e fé, baseado na palavra de Yahweh ao seu agente factual eleito.

2. O Pacto de Yahweh com Jacó

O pacto que Deus Yahweh continuou e desenvolveu com Abraão e manteve com Isaque, também foi confirmado com Jacó. Isto é clara e explicitamente revelado no relato registrado em Gênesis 28.10-22.²⁰

¹⁹ Pode ser assumido que ambos, Jacó e Esaú, herdaram a riqueza de seu pai Isaque porque os dois enterraram seu pai quando este morreu com 180 anos (Gn 35.27-29).

²⁰ Ver n. 10 acima onde uma referência foi feita ao comentário de Aalders sobre Deus Yahweh continuando, com Isaque, o pacto que havia feito com Abraão. As Escrituras deixam muito claro que o pacto foi continuado com Jacó.

Durante sua fuga de casa em Berseba (sudoeste de Canaã), Jacó parou para descansar e dormir em um campo aberto, usando uma pedra como travesseiro. Neste lugar, que ele deu o nome de Betel (que significa casa de Deus), Deus lhe apareceu em um sonho. O significado do que ele viu – anjos descendo e subindo uma escada – era que ele tinha espíritos ajudantes cuidando dele e o servindo.²¹ De maior significado é o fato de Jacó ter visto Yahweh, que havia se colocado no topo da escada,²² e o ouvido falar. Yahweh disse palavras de paz e graça a um Jacó fraudulento e em fuga; disse palavras de segurança que expressavam a sua fidelidade aos ancestrais de Jacó e também a ele. Uma análise do que Yahweh disse revela que as promessas e garantias pactuais dadas a Abraão e Isaque foram repetidas e até mesmo expandidas.

(Eu sou Yahweh Deus de...). Dirigindo-se a Abraão, Yahweh disse que era Deus Todo Poderoso. Jacó ouviu o enfático “Eu sou”, mas Deus também usou o nome pactual “Yahweh” e prosseguiu em garantir a Jacó que ele era o próprio Deus que havia pactuado com os seus ancestrais como a deidade fiel, onipotente e soberana. Conseqüentemente, o mesmo Deus, o Deus imutável que havia chamado, liderado, protegido e abençoado a Abraão e Isaque, estava falando a Jacó e fazendo-o perceber que o Deus de seu pai era o Deus Yahweh que estava se dirigindo a ele. A continuidade do relacionamento de Deus Yahweh com os descendentes de Abraão foi, dessa forma, introduzida e enfatizada pelo que foi acrescentado a Jacó.

(A terra, sobre a qual você está descansando, eu a darei a você e à sua semente). A terra é enfatizada; ela é primeiramente mencionada e, então, identificada como sendo o lugar onde ele estava descansando (ou dormindo). O lugar ficava no centro exato de toda a terra que Deus Yahweh havia prometido dar a Abraão. Era a sudeste de Siquém, não muito distante de onde Abraão havia construído seu primeiro “altar reivindicador da terra” (Gn 12.6-7), depois que Yahweh lhe havia garantido que a terra seria sua. Além disso, é assegurado a Jacó, assim como havia sido a Abraão, que seus descendentes seriam herdeiros e possuidores da terra.

A terceira declaração pactual que Yahweh fez garantiu a Jacó que a sua descendência seria muito numerosa (Gn 28.14). Novamente, esta é uma repetição do que havia sido prometido a Abraão (Gn 15.5; 17.5-6; 22.17) e a Isaque (Gn 26.4). Considerando que antes Yahweh havia dito – numerosa

²¹ Carl F. Keil e Franz Delitzsch chamaram a atenção ao fato de que a própria escada "foi um símbolo visível da comunhão real e ininterrupta entre Deus no céu e seu povo sobre a terra" (*Biblical Commentary on the Old Testament: The Pentateuch*, trad. James Marten [Grand Rapids: Eerdmans, 1949], 1:281). Jesus, indubitavelmente, desejou enfatizar esta comunhão entre seu Pai e si mesmo quando falou a Natanael que o havia confessado como "o filho de Deus...Rei de Israel" (Jo 1.49-51). Ver os comentários de Calvino a respeito de Cristo que é o único mediador que alcança do céu à terra; para Calvino, então, não é a própria escada mas a escada como uma figura de Cristo (*Commentaries on the Book of Genesis*, trad. John King [Grand Rapids: Eerdmans, 1948], 2:11-13).

²² O TM tem o verbo *nissab* (piel perfeito de *nasab*, tomar seu lugar). A idéia expressa é de que Yahweh se colocou de tal forma que o fato de estar no comando se tornasse óbvio a Jacó.

como as estrelas do céu e como a areia na praia, a Jacó, deitado sobre o solo, ele disse – “como o pó da terra” (NIV). Yahweh prosseguiu assegurando a Jacó que sua semente numerosa se espalharia em todas as direções (Gn 28.14). A frase certamente apresenta um panorama que vai muito além das fronteiras de Canaã; Paulo expressou esta mesma realidade quando escreveu sobre “herdar o mundo” (Rm 4.13). A próxima garantia mencionada, contendo a frase “todos os povos”, dá base ao conceito de um panorama bem maior.

(E se abençoem por meio de você) (ou, como a NIV traduz, serão abençoados através de você). Esta, também, é uma garantia repetida (Gn 12.2-3). Jacó e sua descendência deveriam ser canais ou agentes das bênçãos factuais a todos os povos da terra.

Deus Yahweh deu seguranças adicionais que garantiam que o que havia sido prometido, certamente seria cumprido. Nenhuma condição foi colocada diante de ou sobre Jacó. Deus Yahweh falou monergística e unilateralmente: (e olhe [ou veja isto]; tenha certeza de que Eu estou com você). Esta é uma fórmula factual que será repetida (Gn 46.4; Ex 3.12; Js 1.5). Previamente, Yahweh havia garantido a Abraão que ele era seu Deus e seria Deus para ele e para sua semente. A Jacó em fuga para uma terra estrangeira, a Moisés que deveria retornar ao Egito, e a Josué que deveria entrar na terra prometida e vencer os habitantes hostis, a garantia era de que o Yahweh que será Deus para seu povo é um Deus que permanece com seu povo. As frases “Eu cuidarei de você por onde quer que você vá”, “Eu o trarei de volta”, e “Eu não o deixarei” certamente deram informações definidas da maneira como Deus Yahweh seria um Deus ativo sempre presente.²³ E esta atividade resultaria no cumprimento de todas as promessas que haviam sido feitas (Gn 28.15).

Esta atividade factual não foi um acordo bilateral. Deus Yahweh falou a um Jacó não merecedor, em fuga e desamparado, que nada tinha para que pudesse se referir ou apelar como um “agente de barganha”. De fato, Deus Yahweh revelou sua soberania, iniciativa unilateral, que foi motivada pela sua graça, misericórdia, compaixão e fidelidade. Assim como Yahweh havia se revelado em seu pacto e atividade reinadora a Abraão, assim ele fez com Jacó que, humanamente falando, foi ainda mais indigno do que seu pai e avô haviam sido. Deus Yahweh não pediu verbalmente por uma resposta de Jacó que, no entanto, refletiu um traço positivo em seu caráter pela resposta tripla.

²³ Gerhard Von Rad considera este relato de Yahweh dando garantias a Jacó como parte da “tradição antiga proveniente da fé pré-mosaica dos ancestrais de Israel”. Parte desta tradição incluía a crença de que Yahweh poderia ser adorado somente em Canaã, mas eles refletiam uma inconsistência estranha. Enquanto reconheciam que o domínio soberano de Yahweh incluía todas as terras estrangeiras, também atribuíam uma esfera relativa de poder e culto aos deuses estrangeiros. Von Rad parece confundir o que Deus Yahweh revelou, que ele era exclusivamente soberano, e que o que as outras nações acreditavam a respeito de seus deuses e suas terras eram características nacionais (*Genesis: A Commentary*, trad. John H. Marks [London: SCM, 1961], 280).

Primeiramente, Jacó reconheceu a presença de Deus (Gn 28.16-17). Esse lugar onde ele havia parado, mas do qual ele continuaria sua fuga, era o local onde Deus Yahweh estava presente. E ele admitiu que não tinha estado ciente disso. Agora estava ciente e havia percebido que este era um lugar impressionante porque era onde Deus Yahweh tinha sua casa, a qual Jacó entendeu ser a entrada da habitação celestial e sala do trono de Deus. Na presença de Deus Yahweh, em sua casa, Jacó temeu. Esta resposta não foi como a de Moisés diante do arbusto em chamas (Ex 3.6) e a dos Israelitas diante de Yahweh no Monte Sinai (Ex 20.18). Ela certamente teve um impulso tranquilizador: “Eu estou aqui; eu estou com você”. A fórmula pactual não foi expressa verbalmente mas foi reconhecida. O princípio Emanuel foi aguçadamente feito conhecido a Jacó através da aparição de Yahweh no topo da escada. Jacó, que não tinha se conduzido como mantenedor pactual submisso, obediente e fiel, tinha razão para estar cheio de medo e temor. O santo e majestoso Senhor do universo e do pacto voltou seus olhos para um fugitivo fraudulento. Quão espantoso isto foi para Jacó. Mas ele recebeu as garantias de que Yahweh manteria e cumpriria as promessas do pacto feito com seus antepassados. Quão gracioso foi o espantoso Yahweh a este homem pactual!

Jacó fez mais do que reconhecer a presença, a magnificência e a graça de Yahweh. O segundo aspecto da sua resposta foi levantar um memorial, usando a pedra que havia posto como travesseiro (Gn 28.18-19). Este pilar de pedra deveria testificar a Jacó e sua progenitura que Deus Yahweh havia aberto os céus para ter comunhão com o servo dele e dar-lhe a ocasião para adorar seu Senhor. O fato de ter entornado óleo sobre o memorial foi um ato de consagração em adoração. O altar foi consagrado a Deus Yahweh; a intenção primária não foi comemorar a resposta de Jacó, mas a vinda de Deus Yahweh, em aparecimento pessoal, a Jacó para confirmar seu pacto com ele.²⁴ O fato de ter dado ao lugar o nome de “Betel” (casa de Deus), fortaleceu o testemunho e a memória do aparecimento de Yahweh a Jacó e da comunhão dele com Jacó.

O terceiro aspecto da sua resposta foi sua declaração verbal, registrada em Gn 28.20-22. Ela poderia, em uma leitura inicial, ser lida como um ato típico de barganha por parte do conspirador Jacó. “Bem, Deus, se você fizer tudo isto, então eu farei algumas poucas coisas também”. Jacó estava tentando limitar Deus Yahweh a condições? Jacó estava dizendo, “Se você quer ser meu Deus, e esta pedra comemora sua presença e se você quiser que eu lhe dê um dízimo, eu manterei meu lado da barganha se você mantiver o seu primeiro”? Ou Jacó estava fazendo um compromisso com Yahweh ao reconhecer sua dependência total dele?

²⁴ Jacó deveria ser interpretado como tendo feito mais do que Dodds opinou (“Book of Genesis”, 77); Jacó levantou a pedra e vinculou a isso um voto a fim de lembrar da dependência para com Deus, a qual sentiu quando estava em situação precária.

Deve-se notar o que o texto registra: e ele, Jacó, fez um voto. A expressão “fazer um voto” não sugere ou se refere a qualquer tipo de atividade de barganha. Antes, refere-se à consagração verbalizada do ser, serviço e posses da pessoa a Deus.²⁵ Este ato verbal obriga aquele que o realizou a fazer o que foi dito. Alguém, jurando a Deus, se obriga a Deus. Isso tem a força de um juramento. Tal voto é feito em resposta ao que Deus Yahweh já prometeu, deu, fez ou mandou.

Atenção deve ser dada ao *'im* (v. 20) e o *waw* colocado como prefixo ao verbo *haya* (ser) (v. 21). Estes são traduzidos freqüentemente como “se... então”; a impressão inicial que isto pode dar é que Jacó colocou uma condição diante de Deus; de que ele estava, de fato, fazendo uma barganha com Deus. O contexto informa ao leitor que Deus Yahweh havia tomado a iniciativa; ele deu garantias factuais definidas a Jacó. A resposta de Jacó, começando com *'im*, informa ao leitor que Jacó reconhecia as promessas de Deus Yahweh. Podemos ler *'im* como: sendo esta a situação, considero as promessas como plenamente confiáveis. Jacó, então, confessa que, assim, Deus Yahweh demonstra sua fidelidade de acordo com seu pacto. "Ele estará comigo; ele cuidará de mim; me suprirá com relação às necessidades da vida; me capacitará a retornar à casa de meu pai". Resumindo: Deus Yahweh, ao fazer o que havia prometido, demonstra sua fidelidade factual e me capacita a ser um homem factual. E eu demonstrarei minha gratidão, dando de volta, dez por cento de tudo que o Senhor me deu. Jacó iria fazer o mesmo que seu avô Abraão havia feito; em resposta de gratidão às bênçãos de Deus Yahweh, o dízimo seria dado (Gn 14.20). Em ambas as instâncias, o dízimo dado é registrado como uma resposta espontânea e grata às bênçãos de Deus Yahweh. O dízimo foi um ato demonstrável de adoração; através dele, Deus foi reconhecido, honrado e glorificado.²⁶

A interação factual entre um Deus gracioso e soberano e seu agente factual, que havia feito um compromisso verbal, é registrada no restante do livro de Gênesis. Seis aspectos específicos desta interação deveriam ser notados.

Em Gênesis 29 e 30, lemos sobre os casamentos de Jacó e seus filhos. A leitura do registro dos casamentos levanta questões sobre a maneira pela qual foram arranjados. Jacó trabalhou sete anos como um dote, para ter Raquel. Ele foi fraudado por Labão; entrou em um vínculo de casamento com

²⁵ *Theological Wordbook of the Old Testament*, 2:557 (Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, Vida Nova, 1998).

²⁶ A frase hebraica *'asser 'a asserennû* (o *piel* infinitivo absoluto seguido da primeira pessoa *piel* imperfeita do verbo *'aser*, tomar um décimo de) é traduzida por Westermann como "eu certamente darei um décimo" (*Genesis 12-36*, 451); Samson R. Hirsch traduziu "eu deverei, repetidamente, dar o dízimo a Ti" (*The Pentateuch*, trad. Isaac Lacy, 2ª ed. [New York: Judaica, 1971], 465). A *NIV* não dá expressão à forma dupla enfática do verbo. Hirsch, interessadamente, não considerou a ênfase por causa da construção verbal, estar no décimo (dízimo) mas, antes, no ato *completo* uma vez que o número 10 é o primeiro grupo de números a formar um todo. Dez representa um grupo completo.

Lia e o vínculo foi consumado. A fraude de Labão levou Jacó à poligamia. Abraão havia tomado Hagar com tristes conseqüências. A vida matrimonial de Jacó também foi cheia de tensão; ele não amava Lia mas, sim, Raquel. No entanto, Raquel teve ciúmes (Gn 30.1) e Lia era amarga porque tinha que compartilhar Jacó com Raquel (Gn 30.15). A competição pelo favor de Jacó tornou-se mais forte quando as irmãs deram suas servas a Jacó e este teve filhos com elas. A semente, de acordo com as promessas de Yahweh, foi produzida. Deus Yahweh os considerou como progenitura pactual; a nação prometida a Abraão (Gn 12.2) reivindicava estes filhos como antepassados e pais da nação de Israel.

Como devemos considerar os pecados ou imoralidades de Abraão, Isaque e Jacó? Antes do tempo de Calvino, muitas respostas foram dadas. Uma resposta foi que os patriarcas se conduziram de acordo com o que foram ordenados ou receberam permissão para fazer através de revelação de Deus porque tinham uma missão especial a cumprir. Outros se aproveitam do argumento de que a lei natural ou casos de necessidade fizeram com que estas atividades pecaminosas fossem legitimadas por causa da missão. Outros ainda tentam evidenciar que, realmente, não houve mentira, inveja, assassinato, adultério ou roubo no contexto da missão divina dada aos patriarcas.²⁷ Thompson concluiu, depois de um estudo da exegese de Calvino das passagens a respeito das imoralidades, que “Abraão errou por não lançar sua ansiedade sobre Deus”. Ele verificou que “Calvino recusou quase todos os argumentos justificadores... com desdém”.²⁸ Calvino “não tinha desejo de conceder qualquer favor especial”.²⁹ Para Calvino, “Não importa quão justa é a causa, nunca se pode usar meios ilícitos para alcançar um fim nobre”. Os pecados dos patriarcas eram opostos à natureza e caráter de Deus.³⁰ As Escrituras, de acordo com Calvino, revelam a vontade de Deus para a conduta diária. Qualquer coisa dita ou feita que seja contrária à vontade revelada de Deus requer arrependimento e perdão.³¹

Estudiosos contemporâneos, que trabalham com uma atitude crítica maior com relação às Escrituras, e que usam um método consonante com isto, não brigam com as anormalidades, pecados e imoralidades dos patriarcas como Calvino e seus predecessores. Walther Eichrodt é um bom exemplo. Ele apelou ao desenvolvimento de um senso moral mais elevado, como por exemplo, na relação entre os sexos. Conseqüentemente, na era pre-mosaica, os patriarcas viviam e agiam de acordo com os costumes sociais da sua época.

²⁷ John L. Thompson, “The Immoralities of the Patriarchs”, *Calvin Theological Journal* 26/1 (Abril 1991): 9-46.

²⁸ *Ibid.*, 40.

²⁹ *Ibid.*, 43.

³⁰ *Ibid.*, 44.

³¹ *Ibid.*, 45.

Moisés “obviamente modificou a lei semítica tradicional do casamento”.³² Nesta abordagem está envolvida a óbvia falta de se reconhecer uma lei moral revelada imutável para todos os povos, independente da época em que viveram.

A lei moral de Deus para os povos de todas as eras é revelada nas Escrituras. Esta lei é uma parte integral do seu pacto permanente, sempre mantido, com seu povo. O registro dos pecados patriarcais certamente não indica que estes não devam ser considerados como exemplos de conduta moral. Antes, o que deve ser entendido é que Yahweh, embora freqüentemente carregasse uma medida de desapontamento e tristeza como conseqüência da conduta imprópria, os perdoou graciosamente e os chamou, continuamente, a viver de acordo com seus requerimentos morais. A graça e a misericórdia de Yahweh são enaltecidas na maneira pela qual continuou a considerá-los seus servos e agentes factuais, por falíveis e sujeitos ao erro que fossem. De fato, os patriarcas não devem ser tomados como exemplos por ninguém; antes, a vontade moral de Yahweh deve servir como um guia para a vida. As pessoas, no entanto, podem aprender dos patriarcas que os caminhos tortuosos não são recomendados, mas a revelação da graça e misericórdia de Yahweh, em seu amor redentor e perdoador, deve ser apreendida, reivindicada e mantida como a motivação para uma vida santificada.

Os detalhes específicos envolvidos no nascimento dos filhos de Jacó, não precisam ser discutidos. Alguns pontos importantes devem ser considerados. Rúben era o mais velho; ele era filho de Lia, a primeira mulher que Jacó teve como esposa. Ele é listado como o primogênito (Gn 35.23). No entanto, Rúben foi culpado de incesto ao manter relações sexuais com Bila, uma das concubinas de seu pai (Gn 35.22). Raquel era incapaz de conceber, assim como Sara e Rebeca. As tensões entre Jacó e Raquel (Gn 30.1-2), assim como o ciúme de Raquel com relação a Lia, levou ao fato das respectivas servas serem dadas a Jacó para gerarem filhos em nome das suas esposas irmãs (Gn 30.3-21). As súplicas de Raquel a Yahweh conduziram à “abertura de seu ventre”. Seu primeiro filho foi José (Gn 30.24); anos mais tarde, ela morreu ao dar à luz a Benjamin (Gn 35.16-18). Quando os filhos de Jacó foram listados, no contexto de uma breve história de família (Gn 35.16-20, 27-29), os filhos de Lia foram listados primeiramente, depois os de Raquel, os filhos da serva de Raquel e, finalmente, os filhos da serva de Lia (Gn 35.25-26).

Um aspecto integral do pacto de Yahweh com os patriarcas foi a promessa da semente. A despeito dos problemas, pecados e irregularidades na vida de Jacó, Yahweh, graciosamente, manteve esta promessa factual. Os pais

³² *Theology*, 1:80. T. D. Alexander levanta a hipótese de que fontes variantes e dependência editorial deveriam ser considerados como modos possíveis de resolver o problema dos três episódios irmã/esposa. Ele não refletiu sobre o caráter dos homens uma vez que o problema é literário, “São os incidentes esposa/irmã de Gênesis variantes de composição literária?” *Vetus Testamentum* XL 11/2 (1992): 145-153.

das tribos da nação de Israel nasceram e formaram uma família de filhos, sendo que todos reconheciam a Jacó como seu pai.

O segundo fator a ser notado na interação pactual entre Yahweh e Jacó é registrado em Gênesis 30.25-31.21. Deus Yahweh havia prometido abençoar Abraão e fazê-lo famoso; um aspecto dessas promessas era a concessão de riqueza material (Gn 13.2). Isaque recebeu esta riqueza como herança (Gn 25.5). Yahweh capacitou Jacó, através do serviço a Labão, a se tornar próspero. Jacó tentou controlar este ganho de riqueza através de meios que, biologicamente, não tinham influência (Gn 30.37-42).³³ O texto registra que Jacó tornou-se “mais e mais rico” (Gn 30.43). Indubitavelmente, Yahweh abençoou Jacó e fez com que ele prosperasse (Gn 30.43). Os filhos de Labão perceberam que Jacó recebia muito da riqueza de seu sogro (Gn 31.1-2), mas Jacó alegou que Labão havia tentado trapaceá-lo (Gn 31.7). No entanto, Yahweh o protegeu e abençoou (Gn 31.6-9). Esta tensão entre a família de Labão e Jacó tornou-se uma ocasião histórica para o comando que Yahweh deu a Jacó de voltar para a sua terra natal (Gn 31.3).

O terceiro fator pactual que Yahweh trouxe à atenção de Jacó foi a terra que havia sido prometida a Abraão (Gn 12.15) e que ele havia reivindicado através da construção de altares (Gn 12.8; 13.18). Jacó retornou à sua terra natal; encontrou-se com Esaú e lhe deu uma porção da sua riqueza fazendo, assim, uma restituição simbólica por ter ganho os direitos de primogenitura. Esaú aceitou o presente (Gn 33.11) e retornou à terra que havia tomado dos habitantes de Seir (Gn 36.8). Jacó retornou a Siquém em Canaã. Assim como Abraão havia feito (Gn 23.3-20), Jacó também comprou um lote de terra--não como um lugar de sepultamento, mas como um lugar para viver (Gn 33.18-20). Jacó reivindicou a terra como herança pactual através da construção de um altar. Mais tarde, depois que seus filhos tiveram um problema sério com o povo de Siquém (Gn 34), Jacó foi instruído a se mudar mais para o sudeste, para Betel. Lá, depois de ter feito com que sua casa, esposas, filhos e servos se livrassem de seus deuses estrangeiros, se purificassem e colocassem outras roupas (Gn 35.1-7), construiu um altar novamente. Foi em Betel que Yahweh repetiu a Jacó o que havia dito a

³³ Calvinho opinou que “é bem sabido que a observação de objetos pela fêmea tem grande efeito na forma do feto” (ibid., 156). Keil e Delitzsch concordaram que a colocação de objetos nas tinas de água das ovelhas causariam manchas e listras nas crias concebidas nas tinas. Deveria ser lembrado que Jacó fez com que Labão concordasse que todos os animais salpicados fossem dele. Assim, Jacó separou os manchados em um rebanho separado e pensou em produzir mais animais entre os sem mancha (*Commentary*, 294-95). Aalders discutiu os problemas textuais subjacentes a esta associação (*Het Boek Genesis* [Kampen: Kok, 1949], 2:220-21). Skinner, citando a mesma fonte que Keil e Delitzsch, pareceu aceitar o fenômeno fisiológico citado no texto (*Genesis*, 392-93). Kidner mostrou que o texto não se pronunciou sobre causa e efeito; antes, o texto diz que os rebanhos de Jacó aumentaram subseqüentemente à colocação das varas (*Genesis*, 163-64). Uma explicação mais aceitável é que entre o rebanho de Labão havia vários estilos (de cor); as ovelhas brancas poderiam ter nascido de um par colorido e branco que, por sua vez, dava à luz a ovelhas coloridas. Este é um fenômeno comum entre animais não registrados, de raça não pura.

Abraão e Isaque: “A terra que dei a Abraão e a Isaque dar-te-ei a ti e, depois de ti, à tua descendência” (Gn 35.11-13).

O quarto fator na interação é a continuidade assegurada do pacto de Yahweh. Jacó recebeu o cerne da garantia pactual: *we dhyeh immak* (“e eu serei contigo”) (Gn 31.1). A continuidade do pacto foi declarada expressamente depois que Jacó retornou a Betel e lá adorou.

Vários fatores envolvidos no pacto de Yahweh com os patriarcas estavam continuamente presentes e operantes na vida e experiências de Jacó. Mas Jacó também teve garantias verbais. Deus Yahweh falou-lhe por quatro vezes e confirmou o relacionamento pactual entre si mesmo e Jacó. A experiência de Jacó em Betel, quando estava fugindo, foi a primeira vez (Gn 28.3-15). Foi uma confirmação verbal que incluía a declaração de Yahweh com relação a si mesmo: *'anî yehwâ 'elohê* (eu, Yahweh Deus) de Abraão... Isaque... uma promessa a respeito da terra e descendência numerosa, uma garantia de que todos os povos seriam abençoados, e a promessa da sua presença e cuidado sobre ele. Jacó pode prosseguir com a garantia do pacto de Yahweh consigo.

O estilo de vida de Jacó e suas atividades quando estava com a família de seu tio Labão, não refletiram uma consciência aguda e um desejo forte de ser um agente pactual fiel e servo de Yahweh.³⁴ Jacó teve que ser confrontado diretamente por Deus; isto aconteceu em Peniel (Gn 32.22-32). Jacó buscou segurança longe da frente do seu cortejo; na verdade, ele permaneceu bem atrás, não tendo cruzado o vale do Jaboque. Na providência soberana de Yahweh, Jacó estava sozinho, não para se encontrar com Esaú a quem temia, mas para encontrar-se com seu Deus a quem deveria temer. Jacó teve um encontro face-a-face com Deus, mais provavelmente o Anjo do Senhor na aparição teofânica de um homem. A luta intensa não deu a Jacó uma vitória completa; mas ele também não foi superado. Antes, Jacó, lutando com Deus, persistiu; ele não deixou-o afastar-se. E, assim, foi assegurado de que *tûkal* (prevaleceu). O verbo também pode significar “suportar”.³⁵ Yahweh deu a Jacó um novo nome que expressava sua prevalência com Deus: *yisra'el*. O nome é derivado do verbo *sarâ*, persistir ou perseverar, e entendido como “perseverar com Deus” (Is 28.25; Os 12.4-5). Este nome confirmava o relacionamento de Jacó com seu Deus pactual. A despeito de suas falhas com seus próximos e diante de Deus, Jacó perseverou em agarrar-se tenazmente ao

³⁴ Jacó revelou alguns traços de caráter positivo antes e enquanto estava com Labão. Dodds corretamente referiu-se a Jacó como apreciador do direito de primogenitura da família e exibiu constância (“Book of Genesis”, 70), mas também teve a mistura de destreza e tolerância junto com persistência e tenacidade perseguidora (69). Jacó também foi submisso, de acordo com Dodds, em aceitar Lia, com quem metade da casa de Israel foi construída (seus seis filhos), e prontamente recebeu o castigo de Deus através das ações de Labão, seu sogro (77).

³⁵ A raiz verbal do termo é *yacôb*, traduzido em vários contextos como “ser capaz”, “ter poder”, “prevalecer”, ou “resistir” (BDB, 407).

seu Deus pactual. A partir de Peniel, Jacó, ao ouvir ou refletir no nome “Israel”, era certificado do seu relacionamento pactual com seu Senhor.

Jacó recebeu uma terceira confirmação (Gn 35.9-15). Jacó foi lembrado de que seu nome deveria ser Israel, e isto foi seguido por Deus Yahweh repetindo a confirmação do seu pacto com ele. Yahweh lhe informou de que assim como Abraão deveria conhecê-lo como *'el sadday*, Jacó também deveria considerá-lo. Yahweh, como o soberano, todo suficiente, repetiu os aspectos essenciais do pacto, referindo-se à semente, nações, reis e terra.

A quarta vez que Jacó ouviu a garantia de Deus Yahweh foi através de uma visão (Gn 46.2-4). Esta foi uma confirmação pactual abreviada, contudo deu segurança a Jacó. A ocasião foi o arranjo de José para ter Jacó e toda a sua família indo para o Egito durante os anos de fome. A fórmula pactual foi usada para dar segurança a Jacó: “Eu sou Deus, o Deus de seu pai” (NIV). A advertência para não temer foi seguida pelas garantias de que Jacó se tornaria uma grande nação (um elemento básico e integral do pacto) e que seria levado de volta para a terra. Jacó, ao receber esta confirmação, reuniu sua casa e possessões e foi para o Egito.

Um quinto fator na interação pactual entre Deus Yahweh e Jacó foi a referência ao relacionamento com outros povos e nações. Assim como Abraão havia sido informado de que seria um canal de bênçãos a todas as nações (Gn 12.2), assim também Jacó foi informado. Foi em Betel que Yahweh repetiu este fato (Gn 28.14). Yahweh disse que *bekâ kal-mispehot ha'adamâ ûbezar eka* (em ti, todas as famílias da terra e [em] tua semente) serão abençoadas.³⁶ Esta promessa deve ser entendida, em última análise, como uma garantia de Yahweh de que o Salvo do mundo nasceria dentro da linhagem de seus descendentes. Mas Jacó não podia evitar esta responsabilidade. As Escrituras indicam que seu registro com relação a isto é confuso. Seu relacionamento com o parente (nações) Labão e filhos e Esaú foi tenso. A separação deles era necessária. O relacionamento de Jacó com os habitantes de Siquém foi ainda pior. Depois da corrupção de Diná por um príncipe de Siquém e do subsequente assassinato, cometido por Simeão e Levi, dos homens e saqueadores da sua comunidade, Jacó disse aos seus filhos, “vocês me trouxeram problemas” (Gn 34.30). Jacó teve que se separar, e a seus filhos, do povo ofendido da terra.

O sexto e último fator na interação pactual entre Deus Yahweh e Jacó é a resposta que Jacó deu às abordagens e confirmações pactuais monergísticas soberanas. A resposta de Jacó foi considerada na discussão da sua experiência em Betel (Gn 28.10-21). Em Peniel, respondeu a Yahweh agarrando-se àquele que lutava com ele e expressando seu assombro por ainda estar vivo depois de

³⁶ Notar que a forma niphala do verbo *barak* é usada assim como em Gn 12.1-3. Da mesma forma, a idéia reflexiva deve ser novamente considerada. Jacó foi lembrado de que deveria se conduzir de tal forma que outros que o observassem, poderiam buscar conhecer e seguir seu modo de vida diante de Deus? As nações não receberam uma obrigação de buscar bênção por elas mesmas?

ter estado com Deus, face a face (Gn 32.30). Jacó construiu altares assim como Abraão havia feito em resposta por estar na terra. Depois da terceira confirmação de Yahweh (Gn 35.6-13), Jacó levantou um outro pilar e o consagrou em Betel para comemorar a promessa graciosa de Yahweh a ele.

Jacó fez uma bela confissão verbal a respeito da atividade soberana de Yahweh em sua vida quando abençoou os filhos de José (Gn 48.15-16). Essa confissão incluiu cinco declarações importantes: (1) Jacó reivindicou como seu o Deus que havia trazido para caminhar com ele Abraão e Isaque; (2) esse Deus havia sido seu pastor, durante toda sua vida; Deus Yahweh o havia guiado, cuidado e abençoado; (3) esse Deus, que lhe havia aparecido como o Anjo, era seu libertador; Jacó reconhecia que havia sido misericordiosamente poupado de qualquer mal iminente; (4) Jacó reconheceu Deus Yahweh como a fonte da bênção; era desejo fervoroso de Jacó que o relacionamento pactual fosse operante nas vidas de Manassés e Efraim; (5) Jacó se incluiu como um patriarca pactual junto com Abraão e Isaque; e os filhos que levavam este nome ancestral triplo eram meios para que a promessa pactual a respeito da semente numerosa fosse realizada.

Finalmente, o pedido de Jacó para ser sepultado com a família de seu pai e avô na terra prometida (Gn 47.30) indicava que ele se considerava como um homem pactual que havia sido privilegiado em ter Deus Yahweh como seu Senhor Soberano e ter sido um recipiente de todas as bênçãos, privilégios e responsabilidades pactuals.³⁷

3. Jacó, um Mediador?

Uma recapitulação da vida de Jacó leva à conclusão de que o papel mediador do filho de Abraão, Isaque, e do neto, Jacó, não era tão óbvio assim. É verdade que Jacó, como pai pactual, serviu como servo de Yahweh à sua família imediata. Ele foi um agente na continuação da linhagem da semente pactual. Ele foi, em um sentido fecundo, o pai de um povo numeroso que se tornaria uma nação santa e um reino de sacerdotes. Jacó também refletia as lutas que um servo pactual tinha na vida em um mundo em que as forças do reino parasita estavam não só obviamente presentes como também continuamente ativas em desafios a ele e sua família. Nessa situação, Jacó, embora se desviando repetidamente, foi sustentado por Deus Yahweh, sempre chamado a obedecer à vontade reta de Yahweh e a submeter-se ao governo justo de Yahweh. Jacó foi chamado a viver uma vida de confiança completa em plena garantia de que as promessas graciosas de Yahweh seriam certamente cumpridas.

³⁷ Comentários de Kidner sobre Gn 47.30. Jacó transmitiu o pensamento de que quando morresse, deveria ser levado de volta a Canaã porque isto simbolizaria, não criaria, sua união ancestral. Jacó se juntou a eles antes de seu corpo ser enterrado junto com o deles (*Genesis*, 212).

Jacó serviu como mediador pactual no papel profético (Gn 48-49). Ele falou em nome de Deus Yahweh quando se dirigiu a seus 2 netos e seus 12 filhos a respeito do papel deles na vida da nação que deles haveria de surgir.

Embora o aspecto mediador do cordão dourado não tenha sido tão proeminente como na vida e trabalho de Abraão, contudo esteve presente. Jacó serviu como elo mediador entre seus ancestrais e sua progeneritura. O papel de Jacó deve ser visto como particularmente importante na medida em que foi instrumental no surgimento e serviço de um dos mais excelentes mediadores do Antigo Testamento, que serviu preeminentemente como um tipo de Cristo, a saber, José.

Fonte: *Criação e Consumo*, volume 1, Gerard Van Groningen, Cultura Cristã, p. 278-293.